

# PESQUISAS EM DIÁLOGO: LITERATURA E CULTURA NA BAHIA E NO RIO GRANDE DO SUL

## N'A ronda das Américas, as terras gaúchas por Jorge Amado

Around the Americas, the gaucho land by Jorge Amado

Márcia Rios da Silva

UNEB – Brasil



**Resumo:** Este artigo apresenta uma leitura d' *A ronda das Américas*, de Jorge Amado, publicação que reúne relatos de sua viagem às Américas no ano de 1937. Nessas crônicas, busca-se analisar os confrontos e paralelos feitos pelo romancista baiano acerca da diversidade cultural do Brasil, particularmente entre as regiões Sul e Nordeste. Em tal análise, tem-se o intuito de entender a visão do escritor Jorge Amado acerca da noção de regional, num contexto histórico e cultural do Brasil marcado pela divisão Norte/Sul do país. Visando esse objetivo, torna-se importante considerar a participação de Amado no campo literário dos anos 1930, a sua militância política, com também o seu compromisso com uma arte revolucionária, em sintonia com a época.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; Relatos de viagem; Região; Diversidade cultural

**Abstract:** This article presents an account of *A ronda das Americas* (Around the Americas) by Jorge Amado. The book is a collection of travel logs written by the author while journeying throughout the Americas in 1937. The analysis focuses on the similarities and differences established by the Bahian novel writer regarding cultural diversity in Brazil mainly between the Southern and Northeastern regions. The objective is to understand the writer's view of regional in a historic cultural context in Brazil which is marked by the division North/South. In order to reach such objective it is important to consider Amado's participation in the literary field of the 30s, his political affiliation as well as his commitment with revolutionary art in harmony with his time.

**Keywords:** Jorge Amado; Travel logs; Region; Cultural diversity

### O sul e o norte da viagem

Trata-se, em verdade, da liquidação, a preço reduzido do saldo de miudezas de uma vida bem vivida. Deixo de lado o grandioso, o decisivo, o terrível, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, assuntos para memórias de escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso: não vale a pena escrevê-las, não lhes encontro a graça. (AMADO, 1993: IV).

A epígrafe acima, destacada do prefácio de Jorge Amado a *Navegação de cabotagem*, publicado em 1992, traduz a grandeza do homem das letras que tomou a sua pena para cerzir muitas narrativas, ficcionais e factuais, que vieram confirmar “uma vida bem vivida”. Nesse livro de memórias, que cobre uma longa trajetória intelectual e literária, dos anos 1920 a 1990, marcada pela criatividade, pela luta no combate às injustiças sociais e pelo desejo de

transformação do país, Amado não se quer pretencioso na exposição dos relatos, mas compartilhar com os leitores um rico aprendizado. É também testemunho desse aprendizado *A ronda das Américas* (2001), relato de viagens do ainda jovem escritor baiano, em plenos anos 1930, quando já demonstra expressiva e constante atuação nas esferas política e literária, a qual contribuiu, sem dúvida, para que tecesse “uma vida bem vivida”. Em tal publicação, póstuma, encontram-se reunidas crônicas de sua viagem às Américas em 1937, meses antes do Golpe do Estado Novo.

N'A *ronda*, o escritor não revela o motivo dessa excursão, apenas indica que a informação da viagem chegou no momento em que se encontrava na pequena e pacata cidade de Estância, no estado de Sergipe, dando início à escrita do romance *Capitães da areia*: “Desta paz e dos capítulos iniciados veio-me arrancar um telegrama:

tudo estava pronto para a minha viagem ao estrangeiro”. (AMADO, 2001: 15)<sup>1</sup>.

Tais relatos, escritos a partir das anotações feitas durante a viagem, conforme Rául Antelo, organizador da edição de 2001, são publicados, como uma “grande reportagem”, em 1938, com o título *A ronda das Américas* no jornal carioca *Dom Casmurro*, obedecendo à seguinte ordem: no primeiro capítulo, o texto “Ainda Brasil”; no segundo, “Uruguai”, no terceiro, “Argentina”; no quarto capítulo, “Cordilheira dos Andes”; no quinto, “O Chile” e o sexto e último capítulos, “Peru”. No ano de 1939, o escritor publica “México todo pitoresco” e “A pintura mural e seus expoentes na América” no suplemento literário da revista *Diretrizes*.<sup>2</sup>

O capítulo “Ainda Brasil” traz relatos da saída de Jorge Amado, do estado de Sergipe, até a fronteira do Uruguai, passando antes pelo Rio Grande do Sul. Parte de Estância, no “romântico e poeirento” trem da Leste Brasileira, para Salvador, onde tomou o avião da Panair rumo ao Rio de Janeiro. Das terras cariocas, segue no navio *Oceania* em direção ao Sul, até o porto de Rio Grande:

Dias de correria no Rio, de um lado para outro. Vamos pelo Sul. Primeiro, Rio Grande do Sul, estado que não conheço. Depois atravessamos o Uruguai e a Argentina, em direção ao Chile. Do Chile, subiremos a Costa do Pacífico até o México. Para, depois, volver via Estados Unidos e América Central. (p. 23)

A viagem de Estância a Salvador é relatada com observações marcadas pela sensibilidade do escritor. Ao trem da Leste Brasileira, “poeirento e vagaroso”, “lírico e misterioso”, “se incorpora o mistério daquela humanidade que viaja nos seus vagões: a lírica e misteriosa humanidade do Nordeste” (p. 16). A lentidão da locomotiva resulta em atrasos, o que leva os companheiros da viagem a firmar amizades ou exercer a solidariedade, como nos episódios ocorridos durante o percurso, contados pelo escritor. Assim, “que importam esses atrasos se todos os passageiros fazem relações logo que o trem parte, ficam íntimos em seguida?” (p. 16).

No trem encontram-se “homens fortes e risonhos”, “mulheres belas e tímidas” – a “humanidade do Nordeste” –, carregando suas dores, misérias e alegrias, às vezes expostas na viagem. Amado considera esses companheiros gente “acolhedora e amigüeira como depois só irei encontrar no trem de Manzanillo para Guadalajara no México” (p. 21). Tocado pelas dores e

alegrias de pessoas sofridas, Jorge Amado se entrega à escrita de seus romances, como ocorre com *Capitães da areia*, uma história dos meninos de rua da cidade do Salvador dos anos 1930, abandonados por um projeto de nação excludente planejado pelas elites brasileiras.

Assim o escritor inicia o capítulo “Ainda Brasil”:

Vagabundagem lírica, durante seis meses, pelas pequenas cidades dos estados da Bahia e Sergipe. As crianças abandonadas, que nas cidades do Salvador e Aracaju vivem do furto e de assaltos, iguais a homens, me comoveram e me tentaram como material para um romance. Andei atrás delas, seguindo a vida diária destes meninos durante alguns meses, até que me encontrei suficientemente apto a escrever o romance. (p. 15)

Durante a viagem pelas Américas, com a companheira Matilde, Jorge Amado, que se considera “viajante curioso e um pouco sentimental”, dá continuidade à escrita de *Capitães da areia*, vindo a concluí-lo no México em julho de 1937 e publicá-lo em novembro do mesmo ano.

Ganha destaque no capítulo a cultura afro-baiana, quando Amado comenta sua visita “à mais misteriosa das Bahias, a Bahia dos candomblés, dos pais-de-santo, dos oguns, dos capoeiristas”, (p. 21) na ocasião do 2º Congresso Afro-Brasileiro em Salvador, um mês antes da viagem às Américas. O autor de *Jubiabá* (1935), romance que tem por cenário a cidade negra da Bahia, reverencia os terreiros de candomblé, os quais conhece muito bem, “grandes templos das religiões negras”, com suas festas ritualísticas: o de Procópio, o do Gantois, o do Bate-Folha, o de Aninha, cuja festa no centro Cruz Santa de Oxô Afogê é exaltada:

Aninha é uma figura de uma nobreza pouco comum. Parece uma daquelas rainhas antigas. Seu olhar irradia bondade e decisão. Ao mesmo tempo impõe o maior respeito às suas filhas-de-santo, mas sem gritos, com um simples e suave olhar. O rito do seu candomblé é puríssimo também. E a cerimônia é das mais belas. Cantam cânticos em nagô de uma beleza que mesmo a tradução que me faz o professor Martiniano Eliseu do Bonfim, a maior figura das religiões negras no Brasil, não destrói. Porque há coisas intraduzíveis nestes cânticos aos deuses das florestas. De repente vêm gritos de fora, do bosque que cerca o terreiro. É um santo que pegou uma negra e ela é trazida até o centro do terreiro, onde dança. É vastíssimo o terreiro de Aninha, talvez o maior da Bahia. Na entrada as árvores sagradas. (p. 22)

As narrativas d’*A ronda* são escritas por um romancista militante do Partido Comunista Brasileiro, na defesa da democracia e contra regimes ditatoriais. Sua filiação ao PC e o grande envolvimento com essa organização

<sup>1</sup> Doravante, as citações dessa edição virão seguidas apenas da indicação do número da página de que foram extraídas.

<sup>2</sup> Antelo justifica a inclusão dos dois últimos textos à série de Ronda, por considerá-los “parte inequívoca da memória da viagem inacabada”. (AMADO, 2001).

o colocam numa posição de intelectual altamente engajado, com atribuições e papéis muito pontuais nas questões do país: o “povo” e a nação, temas recorrentes sob forma de programa político e estético, moldando uma concepção nacional-popular de cultura. Amado assume o compromisso com uma arte revolucionária, em sintonia com o modernismo artístico e literário, que põe em debate a identidade cultural do Brasil.

Desde o início de sua carreira literária, nos anos 1920, Jorge Amado entra em contato com diversos grupos de intelectuais que abraçam a “luta política e ideológica no país” (RAMOS, 1988: 28-29), a qual norteará seus romances escritos no período da militância. Em 1930, alia-se à frente política das esquerdas na Aliança Nacional Libertadora, sob a liderança do PC, formada por comunistas, socialistas e a ala esquerda do tenentismo, no combate ao fascismo e ao imperialismo. A ANL foi posta na ilegalidade por Vargas em 1935, contudo, alguns de seus filiados continuaram a luta política.<sup>3</sup> Por sua filiação ao PC, durante o Estado Novo o escritor é acusado de subversão e participação na Intentona Comunista, vindo a ser preso em 1936 e no ano seguinte, logo após o Golpe do Estado Novo.

A despeito de sua ostensiva oposição a Vargas, n’*A ronda* não há posicionamentos político-partidários, o que se deve, sem dúvida, às perseguições políticas ao escritor. Nos relatos de sua visita a Buenos Aires, Amado faz breve referência a uma viagem feita anteriormente à Argentina, para a cobertura jornalística da ida de Vargas à capital: “Era a segunda vez que eu vinha a esta cidade e levava da primeira as melhores recordações. Daquela vez (se tratava da viagem do presidente da República do Brasil ao povo e às autoridades argentinas) tudo era Brasil em Buenos Aires ... [...]” (p. 75).<sup>4</sup>

Ao retornar da viagem, chegando ao Brasil por Belém do Pará, o escritor é avisado do Golpe, mas não consegue fugir. Acaba sendo preso, vindo a ser libertado em 1938 e vai para São Paulo. Amado retorna ao Rio de Janeiro em 1939 e exerce intensamente a atividade política, no combate às torturas de presos e envidando esforços na

reorganização do Partido Comunista, desarticulado após a prisão de seus grandes líderes, como Luís Carlos Prestes, desde 1936.

### Na ronda do Sul do Brasil, o Nordeste

As narrativas d’*A ronda* são marcadas pela visão do intelectual de esquerda, empenhado na construção de uma nação democrática, mais justa, que viesse a corrigir as desigualdades sociais. Nos relatos, o escritor vai estabelecendo comparações entre as culturas dos países latino-americanos, bem como entre as diferentes áreas do Brasil.

Quando da sua passagem pelo Rio Grande do Sul, entre as cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, Jorge Amado comenta as particularidades da região, comparando e identificando as diferenças dessas terras e sua gente, vistas como singularidades. Amado esboça um perfil identitário do sulista, num confronto com o nordestino, promovendo um deslocamento de perspectiva acerca da divisão geográfica e política do Brasil, marcada ainda, à época, pela polaridade Norte/Sul. Nessas formulações de identidade regional, o escritor põe em questionamento um pensamento intelectual e uma visão artística conservadora e tradicional, os quais produziram estereótipos, imagens e representações negativas do Norte do país.

Para Amado, a polaridade Norte/Sul, que “se generalizou demasiadamente”, oblitera as particularidades regionais, que estariam melhor delineadas – se se consideram “hábitos”, “tradições”, “semelhanças” – a partir de quatro blocos: “Norte (Amazônia), Nordeste (de Maranhão à Bahia), Centro (Minas, Goiás e Mato Grosso) e Sul (de Espírito Santo ao Rio Grande do Sul)” (p. 36).

É curioso como naturalmente dividimos o Brasil em Norte e Sul. Quando queremos falar de diferenças e pareças. Porém, em realidade, é tão grande, ou quase tão grande a diferença que vai do Sul para o Nordeste como aquela que vai do Nordeste para o verdadeiro Norte, aquele que é formado pelos estados do Pará e Amazonas e pelo território do Acre. (p. 36)

Segundo Durval Muniz Albuquerque Junior (2009), a chamada região Nordeste foi inventada politicamente, no plano imagético-discursivo, no final da primeira década e início da segunda do século XX. O fenômeno da seca vai dar visibilidade, para as demais áreas do país, a um espaço geográfico abandonado pela política nacional. Até tal período, o Brasil era dividido geograficamente pela oposição Norte/Sul; este, capitalista, urbano, industrial; aquele, rural, arcaico, pré-capitalista.

Atento às diferenças regionais, vistas em perspectiva histórica, econômica e social, que aquela polaridade não

<sup>3</sup> Segundo José Nilo Tavares, a Aliança Nacional Libertadora “tem papel catalisador da maior importância e vai despertar, nesse novo sindicalismo, nessa nova classe operária que se forma depois de 1930, a luta política”. A ANL “supera as posições corporativas, economicistas e traça um programa profundo de transformação social. Esse programa é suscetível de muitas críticas porque é extremamente radical, não obstante sua retórica reformista; é um programa que procura assentar-se no poder dos camponeses que, no momento, estavam desestruturados e desorganizados. É um programa de ação antiimperialista, antes que existissem, no Brasil, condições para a atuação de uma burguesia antiimperialista e, além de tudo, ele era atropelado pelos pronunciamentos infelizes e sectários de alguns líderes, como Luís Carlos Prestes”. (TAVARES, 1991: 75).

<sup>4</sup> Em *Os subterrâneos da liberdade*, publicado em 1954, o escritor retrata um painel do Brasil no Estado Novo, entre 1937 e 1945, registrando um período da história em que a nação brasileira sofreu um golpe tramado por um projeto de desenvolvimento que só fez perpetuar a desigualdade social.

contemplaria, Amado direciona seu olhar para as terras gaúchas, estabelecendo um paralelo com a região Nordeste, visibilizando os modos de ser e sentir de seus habitantes. Nesse movimento, procura desfazer os estereótipos desqualificadores dos nordestinos, produzidos por aquela divisão.

Em Rio Grande, numa estadia rápida, onde chega de navio e passa a noite hospedado em uma “pensão alemã”, o escritor apenas observa as “tristes casas de jogo, cafés quase desertos” da cidade. No dia seguinte, o rumo é Pelotas, de trem, onde passa dois dias, perambulando por suas ruas ou andando de bonde. Chama-lhe a atenção o padrão de vida dos moradores – “bons prédios e melhores automóveis, hotel bastante bom”, “seus cinemas” (p. 27). Comenta o jeito de ser do sulista, “gente bem comportada, trabalhadora e progressista”. “Mas onde estão aqueles poetas de cabeleira, aqueles salvadores do mundo, inventores do moto-contínuo que abundam nas líricas do Nordeste?”, indaga o escritor (p. 27).

Agora a direção é a capital do estado no avião da Varig, num vôo que lhe permite ver a paisagem, “sempre igual do Rio Grande do Sul: campo verde, cortado de rios. Uma paisagem que não muda, paisagem como que educada, sem imprevistos”. Mas se surpreende com o “espetáculo do céu maravilhoso de Porto Alegre, dos tetos alegres da mais alegre cidade do Brasil” (p. 28). Essa visão esplendorosa o acompanha durante os dias em que passa na cidade. Na chegada a Porto Alegre, estão à sua espera, no “aeródromo”, amigos, jornalistas e fotógrafos. Dentre aqueles, Érico Veríssimo, que o leva à cidade no automóvel do também escritor Telmo Vergara.

Amado chega à capital do Rio Grande do Sul em pleno outono e o encanta a beleza da cidade, de temperatura agradável e suas manhãs belíssimas, ruas arborizadas e “folhas amarelas das árvores” caídas ao chão. Aqui mais um confronto, expondo as desigualdades sociais:

O Rio Grande do Sul é o estado onde o ganha-pão está melhor amparado. Mesmo depois, cortando de trem o interior do estado, não encontramos aqueles ranchos miseráveis, que servem de moradia ao sertanejo e camponês nordestino. Aqui são umas casas de madeira, limpas e com outra fisionomia. Também a fisionomia do homem do campo é de melhor alimentação. Não há a natureza avassaladora do Norte e Nordeste (florestas no Amazonas, seca no Ceará), pesando sobre o homem. (p. 33)

Um grande destaque é dado às mulheres gaúchas que se movimentam pelas ruas da capital, também em contraponto com as de outras regiões:

As mulheres que passam são fortes e saudáveis. Não há aquele tipo de mocinha cinematográfica tão

comum no Rio, na Avenida, aos sábados. As mulheres nos dão uma impressão de saúde e de força. Não há também aqueles rostos de beleza macilenta, de mulher enclausurada, que possuem tantas moças do Norte. A gaúcha possui uma beleza cheia de saúde. Nada daquela beleza enfermeira que inspirou tanto poeta nortista, nada daquele *bonitismo* das mocinhas do Rio, onde quase e só as amplas mulatas respiram saúde. E, essas mulheres gaúchas, saudáveis e alegres, dão a impressão que foram feitas para compor essas manhãs de outono nas ruas tão bem arborizadas de Porto Alegre. (p. 33-34; grifos do autor)

Nesse relato altamente elogioso a Porto Alegre, o escritor destaca o estilo de moradia do estado, com casas bem arejadas, espaçosas, “onde se vive bem, diferente do Rio de Janeiro e das cidades nortistas e nordestinas, onde se vive muito mal”. Ganha relevo nas observações a “fisionomia confortadora” do “gaúcho de Porto Alegre”, sem a “marca de drama angustiante que se encontra no Norte e no Nordeste, mesmo nas cidades”. Essa marca vai ser visibilizada pela imprensa sulista da época e pelo “romance dos anos 1930”, ao retratarem o fluxo migratório de nordestinos em direção ao Sul do Brasil, uma leva de “retirantes” fugindo da seca na região.

Tal prosa de ficção, extrapolando a cronologia, vem a ser uma vertente estético-ideológica do modernismo que expõe, em distintas modulações, os dramas, as dores e as cores do Nordeste. Segundo Albuquerque Junior (2009), a produção artística e intelectual regionalista dos anos trinta – a literatura, a pintura, o teatro, a música, a sociologia – elabora uma identidade do Nordeste “para ‘ver’ e ‘dizer’ a região ‘como ela era’”, expondo seu atraso econômico e social, as injustiças sociais ou ainda apontando os efeitos negativos da modernização do país, o que contribuiu para a invenção da região.

Apostando numa revolução socialista a ser feita no Nordeste, visando superar o seu atraso econômico e social, Jorge Amado cria personagens que são protagonistas de uma luta de classes, em sintonia com a utopia revolucionária da época, e desenvolve em sua ficção o tema da “exploração do homem pelo homem”, predominante na literatura brasileira até os anos 1960. Segundo Silviano Santiago, até tal década tinha-se

como tema principal e dominante a exploração do homem pelo homem, (tema) em geral dramatizado pelo processo de conscientização político-partidária de personagens pertencentes ao campesinato e ao operariado, acompanhado de crítica velada (simpática) ou aberta (radical) à oligarquia rural e ao empresariado urbano. O jogo entre as duas forças sociais opostas escamoteava por vezes as camadas médias e urbanas da sociedade e era composto de forma a antecipar dramaticamente uma evolução otimista e sem tropeços

do capitalismo para o comunismo no Brasil. Otimismo e utopia se aliavam para mostrar a vitória definitiva das forças de esquerda. (SANTIAGO, 1989: 11-12)

Assim, também com o intuito de conscientizar os leitores, Jorge Amado se incumbiu de mostrar a fisionomia de drama angustiante nos nordestinos em *Seara vermelha*. Publicado em 1946, o romance narra a história de uma família que fora expulsa das terras da fazenda de um coronel, onde trabalhava, tendo que abandonar o sertão da Bahia, como outras famílias, em direção a São Paulo, para a lida nas colheitas de café. Nos relatos d' *A ronda*, o escritor se refere à conversa que tivera, ainda no trem da Leste Brasileira, com um dos

grandes coronéis do sertão baiano, [que] já foi deputado estadual, já foi também acusado de ser coiteiro de Lampião, é inteligentíssimo. Conversamos o resto da viagem, ele me fez prometer que visitarei Geremoabo quando volte da minha viagem através das Américas. Paga meu café no restaurante, diz que me fornecerá elementos para um romance sobre o sertão. (p. 20)<sup>5</sup>

Numa dura crítica à “exploração do homem pelo homem”, *Seara vermelha* tem como cenário e paisagem histórica o espaço geográfico da Guerra de Canudos – com os fenômenos da seca, do messianismo e do cangaço –, no sertão marcado por problemas sociais e fundiários, comandado pelo coronelismo, num período em que a Bahia “já não se encontra, em termos políticos e econômicos, entre as principais unidades constitutivas da jovem nação brasileira” (RISÉRIO, 2004: 456).

Ao comparar as paisagens sociais do Sul e do Nordeste, Amado tece um painel da diversidade regional do Brasil, com suas peculiaridades, avanços sociais, atrasos econômicos, modos de viver e sentir dessas gentes. Ainda no confronto, o Nordeste está representado, e valorizado, pela cultura popular, e o romancista dá dignidade aos habitantes dessa região, desqualificada por uma razão metonímica, excludente, na concepção de Boaventura Santos (2004), a qual produziu a visão de que o Nordeste é o lugar do atraso, da miséria ou do não-existente.

### Vida cultural e literária em Porto Alegre

Na passagem pela capital gaúcha, Jorge Amado tem a oportunidade de conhecer a vida cultural e literária da cidade, de ar cosmopolita, como se pode notar em seus comentários, quando de um passeio ao centro de Porto Alegre com Veríssimo e Telmo Vergara.

A nossa primeira impressão foi de assombro, diante do movimento da cidade às seis horas. Pensamos estar nas mais movimentadas ruas do Rio. Os cinemas largavam uma verdadeira multidão. Bondes e ônibus entupidos. Gente se acotovelando pelas ruas, o trânsito cheio de automóveis. Um ar de grande cidade européia. (p. 34)

Amado destaca o movimento na “porta da Livraria do Globo”, cheia nas tardes de outono, e a conversa dos jovens nas agradáveis casas de chá. Elogia a boa imprensa do Rio Grande do Sul, em relação à do Brasil, comparando-a com a do Rio, São Paulo, com a do Norte, em Recife, e Bahia. “Diários pesados pela manhã, jornais leves pela tarde”. [...] “Os jornais de Porto Alegre são movimentados, com bom serviço telegráfico e boa colaboração.” (p. 34).

Nessa estadia, o escritor vive uma temporada de chás, jantares e exposição de pintura.

Foram muitos os jantares e chás. Bons amigos gaúchos, leitores infatigáveis de tudo que se publica no Brasil e no mundo. Gente culta e inteligente, gostando de discutir, mas sem exageros e em voz calma. Gente que dificilmente se perde em piadas em porta de livraria. Que prefere trabalhar no sossego de um gabinete. Muito menos boêmios, muito mais ‘sérios’ que a gente do Norte, que prefere desperdiçar talento nos cafés, [...]. (p. 35)

Quando da sua viagem ao Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo já havia alcançado prestígio como romancista. Desde os anos 1920 convivia com escritores de renome como Mário Quintana, Augusto Meyer, Guilhermino César, assumido o cargo de secretário de redação da *Revista do Globo*, além de ser colaborador dos jornais *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. Em 1932, torna-se diretor da *Revista do Globo*, vindo a atuar no departamento editorial da Livraria do Globo. Na década de 1930, publica seu primeiro romance, *Clarissa* (1933), seguido de *Música ao longe* (1935), com o qual recebeu o Prêmio Machado de Assis, e *Caminhos cruzados* (1935), que lhe confere o Prêmio Fundação Graça Aranha. Em 1936, publica *Um lugar ao sol*.

O escritor baiano, por sua vez, até o ano dessa viagem ao Rio Grande do Sul, já havia alcançado notoriedade com a sua produção literária e atuação como militante e jornalista em diferentes periódicos. No ano de 1927, morando em Salvador, emprega-se como repórter policial no *Diário da Bahia*. Em seguida, vai para o jornal *O Imparcial*. Nessa mesma década, forma um grupo literário, a Academia dos Rebeldes, que pretendeu inovar a literatura na Bahia, ainda presa a uma estética passadista. (SOARES, 2005).

Também nos anos 1920, Amado atua em *O Jornal* e em 1930 se transfere para o Rio de Janeiro, onde vai

<sup>5</sup> Geremoabo é um município do alto sertão da Bahia, território de lutas dos cangaceiros no enfrentamento de uma ordem jurídica que os considerava ameaça ao Estado republicano.

estudar na Faculdade de Direito ao tempo em que amplia suas relações intelectuais e círculos de amizade: Vinicius de Moraes, Otávio de Faria, Raul Bopp, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, que o aproxima dos comunistas, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda e Jorge de Lima. Nessa década, publica *O país do carnaval* (1931), prefaciado pelo poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, com uma tiragem de mil exemplares, um sucesso de público para a época e muitos elogios da crítica.

Em 1933, Amado publica “*Cacau*”, também sucesso de público e se torna redator-chefe da revista “*Rio Magazine*”. Em 1934, é a vez de *Suor*, e o escritor passa a trabalhar na Livraria José Olympio Editora, escreve para o “*A Manhã*”, jornal da Aliança Nacional Libertadora, e *Cacau* sai pela Editorial Claridad, de Buenos Aires. Nesse ano ainda, *Cacau* e *Suor* são lançados em Moscou, e *Jubiabá* é publicado em 1935. Em 1936, *Mar morto* é lançado, com o qual recebe o Prêmio Graça Aranha pela Academia Brasileira de Letras.

Quando da visita a Porto Alegre, numa noite em que se encontrava em um restaurante com os amigos, Jorge Amado é cercado por admiradores, o que sinaliza sua popularidade, ampliada sucessivamente com as inúmeras edições de seus romances, no Brasil e no exterior, bem como com as adaptações de suas obras para o rádio, os quadrinhos, o cinema e a TV, a partir dos anos 1940.

### O Sul e o Nordeste: modulando gêneros literários

Ainda em perspectiva comparada, Amado tece algumas reflexões sobre a produção de gêneros literários no Nordeste e no Sul. Constata a “vocaçãõ” do nordestino para o romance, enquanto no sul sobressai-se a produção ensaística e lírica – exceção feita a Veríssimo, “notável romancista”, e Dionélio Machado, ressalta o escritor. Amado exclui do confronto os romancistas paulistas, por considerá-los “resultantes, não de um ambiente, e sim de um movimento: o movimento modernista”. Excetua-se Oswald de Andrade, por não ser um “paulista de quatrocentos anos. Nasceu de mãe pernambucana e acho que o romancista nele vem deste lado do seu sangue.” (p. 37-38).

Afirma, numa síntese: “Se eu quisesse estabelecer numa frase as diferenças que encontrei entre o Nordeste e o Sul do Brasil, diria: o Nordeste é uma terra de romancistas. O sul de amáveis poetas e lúcidos ensaístas.” (p. 37). No máximo, com o gênero narrativo os sulistas chegam ao conto. Os motivos? Amado os apresenta:

O Nordeste é muito mais dramático, como também é muito mais lírico e pitoresco. O sulista é um sujeito

progressista e moderno, que tudo que quer é ir para adiante, pouco se preocupando, em verdade, com o que vai deixando para trás, com tipos e costumes pitorescos e curiosos. Mesmo o gaúcho de bombachas é um tipo sem grande pitoresco para romance (ou o pitoresco apenas não basta). (p. 38)

Continua:

Uma obra de ficção sulista quase sempre não necessita que o leitor tome conhecimento de uma *terra*: ali os homens não estão misturados com a terra, com o drama da terra, como o cearense com seca, o pernambucano com as plantações da cana, o ilheense com o ouro dos frutos do cacau. No romance nordestino é impossível separar a terra do homem, porque, realmente, eles são um só, estão irremediavelmente presos um ao outro, mesmo quando nas cidades, como o recifense com Recife, o baiano com a cidade negra da Bahia. (p. 39; grifos do autor)

Segundo Jorge Amado, o nordestino tem apreço pela prosa: “o povo do Nordeste é um povo que sabe histórias e gosta de contar histórias. E os mais jovens têm de ouvir histórias, o tempo não tem muita importância no Nordeste, pode ser gasto à vontade. No Sul não há tempo para ouvir histórias. O tempo é pequeno, não pode ser desperdiçado.” (p. 40). O “Sul tem outro ritmo de progresso e de vida. Muito mais ativo. O Nordeste é parado, mais sofredor, por isso mesmo mais lírico e mais cheio de poesia.” (p. 40).

Sem dúvida, o gênero narrativo encontrou solo fértil no Nordeste por se fazer ainda muito forte uma tradição popular oral, marcada pela riqueza de plasticidade – na apropriação dos textos da cultura dominante e na sua ressignificação – e grande comunicabilidade, para o que contribuiu o processo tardio de democratização do ensino, responsável pela disseminação da cultura letrada. Nessa região, a cultura popular tem força inegável, produzindo uma textualidade híbrida, impura, pelo entrecruzamento de matrizes culturais distintas – afro-luso-ameríndias –, permeáveis às transformações sociais. A cultura popular carrega uma impureza, e isso lhe confere vitalidade, posto que “não existe um estrato ‘autêntico’, autônomo e isolado [...]” (HALL, 2003: 250) quando se fala dessa cultura.

Jorge Amado reconhece a força da textualidade popular no Nordeste, encontrada em uma comunidade anônima de intérpretes. São os contadores de histórias, cantadores, violeiros, cordelistas, repentistas, declamadores, trovadores, benzedeiros, rezadeiras, carpideiras, os quais, com suas *performances*, muitas vezes em lugares públicos, convocam uma imensidão de ouvintes a interagir. Esses atos performáticos ativam elementos extratextuais, o corpo e a voz, segundo Paul Zumthor. É um “acontecimento oral e gestual”, englobando simultaneamente “o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e

a resposta que este obtém” (ZUMTHOR, 2000: 33). Tal comunidade ganha corpo no “romance do Nordeste”, e sem dúvida nas muitas histórias narradas pelo escritor baiano.

Ainda no paralelo entre o Nordeste e o Sul, Jorge Amado comenta a recepção de seus romances pelos leitores gaúchos, principalmente pelas leitoras. Declara ter encontrado no Rio Grande do Sul uma “verdadeira legião de leitoras minhas, que vinham discutir comigo os meus livros e com uma série de argumentos” (p. 40). Enquanto no Nordeste, continua, “os meus livros, como os dos novos romancistas brasileiros são, pelos pais, proibidos às moças como imorais” (p. 40).<sup>6</sup> Desse comentário, o escritor se estende a uma apreciação da diferença de cultura entre “as moças do Nordeste e do Sul”. Afirma: “As do Sul são muito mais adiantadas”. No Nordeste, “ainda hoje, se limitam a ensinar às crianças as chamadas *prendas domésticas*. O que pode fazer dela [*sic*] uma boa dona-de-casa. O Sul já educa suas moças para o trabalho, para ganhar a vida.” (p. 40; grifos do autor).

Nessas considerações de gênero, Amado expõe a condição trágica de muitas mulheres solteiras do Nordeste, onde a cultura patriarcal lhes impunha por horizonte o casamento. Boa parte das que não se casavam recebia a pesada cobrança social ou censura moral, algumas chegavam a enlouquecer. Em situação diferente encontravam-se as sulistas, continua Amado, que àquela época já atuavam no mercado de trabalho e o casamento não era o alvo principal. O universo dessas mulheres nordestinas ganhará destaque em seus romances. Uma galeria de personagens femininas tem as histórias de vida dramatizadas nas narrativas do escritor, e suas dores, alegrias, sonhos e fantasias são acolhidos pelas leitoras. Muitas destas vão se projetar em tais personagens, ainda que a crítica feminista, numa voltagem politicamente correta, tenha feito severos ataques a Jorge Amado.

### **Além dos pampas, o livro nas Américas**

*A ronda das Américas* revela um escritor atento à produção editorial do Brasil e dos demais países das Américas, o que o leva a reflexões, entremeando os relatos, sobre a profissionalização do escritor, o mercado editorial e o público leitor. Amado inicia suas reflexões na passagem por Porto Alegre, “ótima praça de livros”, terra de “leitores infatigáveis de tudo que se publica no

Brasil e no mundo”, como no Uruguai, com suas boas e muitas livrarias em Montevidéu, “cheias de tudo que se publica em Espanha, na Argentina e no Chile”, embora aí não se encontre uma indústria do livro “adiantada” (p. 67). Constatava que

só agora os novos escritores brasileiros estão tentando viver exclusivamente do produto de seus livros. Também só agora o público começou a dar seu apoio à literatura brasileira. E exatamente porque esta literatura se voltou para a vida e os problemas do povo. Só agora, por consequência, começa a existir a profissão de escritor no Brasil. (p. 83)

De vários países da América Latina visitados, o escritor apresenta informações acerca do mercado editorial, da relação dos escritores com as editoras e do índice de leitores nesses países, comparando-os com os dados no Brasil. Para ele, não há problema com editor aqui, contudo, não “existe a profissão de escritor no Brasil porque não existe público grande, suficiente para esgotar uma edição que deixe um percentual razoável ao escritor” (p. 84). E não há público devido ao elevado preço do livro. Considera alto o número de empréstimos de livros no Brasil, e isso decorre do seu custo, o que não se verifica na Argentina, Chile, Uruguai, onde os leitores podem comprar, e a difusão do livro é maior.

Para Amado, o livreiro é o maior inimigo do livro no Brasil, depois do fabricante do papel, o qual não se empenha na vendagem dos títulos publicados. Atento ao alto preço dos livros, o escritor chega a publicar em 1940, sob a forma de folhetim, na revista *Diretrizes*, alguns capítulos de *O ABC de Castro Alves* (1941), uma narrativa nos moldes da literatura de cordel. Jorge Amado reconhecia a força desse gênero, de larga comunicabilidade e baixo custo, atraindo um público maior.

Antes da década de 1930, afirma, faltava aos editores brasileiros um absoluto conhecimento do público. De acordo com o romancista, ocorre uma mudança significativa ao constatar o profissionalismo de casas editoriais como a José Olympio Editora, a Editora do Globo, a Editora Nacional, a Cultura Brasileira, Ariel Editora e Civilização Brasileira. Em sua avaliação, tais casas contribuíram para o crescimento do nível intelectual dos livros publicados, não só os traduzidos como os nacionais.

Amado elogia as boas editoras da Argentina e do Chile. Observa, todavia, que os livros argentinos não são enumerados nem rubricados, o que o leva a crer que há omissão, por parte dos editores, do número de exemplares editados, visto por ele como descaso com os escritores desses países. Os editores afirmam editar um número menor; contudo, editam mais. Na Argentina, onde os escritores europeus traduzidos dão mais lucro

<sup>6</sup> Tal proibição é confirmada em depoimentos de algumas leitoras, apresentados em suas cartas ao escritor. Tais cartas compõem a série “Correspondências”, como parte do acervo pessoal do romancista, sob a guarda da Fundação Casa de Jorge Amado. Esses textos epistolares, datados entre 1970 e 1980, tornaram-se objeto de minha pesquisa de doutorado, a partir do qual desenvolvi um estudo sobre a recepção de Amado pelos chamados leitores comuns. (SILVA, 2006).

aos editores e o livro tem baixo custo, não é como no Brasil e na Europa, nos quais estão assegurados 10% aos escritores. Naquele país, há um acerto prévio com os escritores quanto ao pagamento. Amado reconhece a qualidade da apresentação gráfica das edições brasileiras, superior à das edições hispano-americanas.

Destaque é dado ainda às muitas revistas lançadas na Argentina e no Chile, onde os livros de poesia têm boa acolhida, diferente do Brasil. O escritor ressalta o progresso da imprensa argentina, não só nos jornais, como nas revistas, destinadas a todos os gostos: aventuras, detetives, alta cultura. Nesse país são inúmeras as revistas populares, novelas e contos voltados para o grande público, e o escritor lamenta a grande dificuldade de se manter revistas literárias e de cultura no Brasil.

Para o romancista baiano, que costumava visitar as casas editoras de seus livros nos países latino-americanos, há um desconhecimento, por parte dos nossos vizinhos, Uruguai, Argentina, Chile, da literatura brasileira e vice-versa. Apenas Monteiro Lobato e o próprio Jorge Amado são conhecidos desse público. Na década de 30 do século XX já se estruturava no país um mercado livreiro, o que possibilitou ao autor de *Jubiabá* exercer a profissão de escritor, recebendo direitos autorais, o que, segundo Amado, já ocorria na Europa, na América do Norte e no Japão. Segundo Sérgio Miceli, no Brasil, dentre

as mudanças que iriam afetar a definição social do trabalho intelectual na conjuntura das décadas de 1930 e 1940, a mais importante delas se refere à possibilidade que encontraram alguns escritores de dedicar-se à produção literária como sua principal atividade profissional. (MICELI, 2001: 187)

Miceli ressalta o fato de que apenas Jorge Amado e Érico Veríssimo vão pertencer a um grupo restrito de escritores profissionais nessa época. Muitos escritores mantinham esse ofício como prática subsidiária, pois desenvolviam outras atividades fora do campo literário. Alguns deles mantiveram suas carreiras de intelectual, a exemplo de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, graças aos vínculos com o serviço público, numa relação que Miceli denomina de cooptação.

Por fazer da literatura uma atividade de escrita nos moldes profissionais, Jorge Amado vai estabelecendo uma proximidade com editoras e editores, ao tempo em que ganha maior entendimento do funcionamento da máquina editorial do país, familiaridade que se intensifica durante sua carreira. Seu trânsito seguro no mercado editorial resultou em solicitações, por parte dos novos escritores, de diferentes regiões do país, ao consagrado escritor baiano, para que apreciasse seus originais e lhes desse um aval para publicação, junto às casas

editoriais.<sup>7</sup> Em tal pleito, na expectativa de que o romancista intercedesse na publicação de seus textos, os escritores emergentes buscavam acesso a instâncias de legitimação, visando se inserir no campo instituído da literatura, como tornavam Jorge Amado, o “homem das letras” mais lido no país, um mediador cultural.

### Outras rondas no Sul do Brasil

Em *Navegação de Cabotagem* (1993), Amado se refere a situações, episódios ou acontecimentos vividos durante sua caminhada, alguns, partilhados com Érico Veríssimo, o que confirma uma relação intelectual e de amizade duradoura entre eles. Amado recorda a sua iniciativa de propor a Veríssimo – quando do projeto de censura prévia aos livros na ditadura militar, com o governo de Medici – assinarem uma declaração, a ser divulgada nos jornais, negando-se encaminharem seus originais à “censura prévia, mesmo que isso signifique renunciar à publicação de nossos livros no Brasil” (AMADO, 1993: 196). Tem como forte argumento, na repercussão da declaração, o fato de que ambos são os escritores mais lidos do país. O projeto foi engavetado, informa o escritor, concluindo: “Para alguma coisa há de servir possuir grande público, leitores em profusão, merecer carinho e respeito: o poder dos escritores”. (AMADO, 1993: 197).

Veríssimo também é evocado quando de uma ida de Amado a Porto Alegre, em meados de 1960: “Partimos em viagem pelo sul do país, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande, pelo sul do continente, Uruguai, Argentina, Paraguai, a família toda no possante Veraneio...” (AMADO, 1993: 620-621). Em Porto Alegre, visita a família Veríssimo, ressaltando o fato de ter sido “dos primeiros a saudar Érico, a proclamar-lhe o talento em artigo de jornal, ele viera de publicar *Clarissa*”. Recorda-se de ter se hospedado em casa do escritor gaúcho, em 1936, e este em sua casa no Rio, no ano anterior. Em conversa acerca do sucesso de público dos dois, Amado comenta a recepção da crítica às suas produções literárias:

Certos críticos, quase sempre os mesmos, alguns sérios e amargos, outros brilhantes e salafrários, nunca nos perdoaram o público que nossos livros conquistaram, nos malharam a vida inteira. Comentamos, Érico e eu, nossa polêmica fortuna crítica. Érico, riso tranqüilo no rosto de índio, taxativo:

– Eles nos acham muito burros, Jorge.

Depois, dubitativo:

– Quem sabe, somos? (AMADO, 1993: 621)

<sup>7</sup> É expressivo o número de cartas dos jovens escritores, nas quais explicitam ao romancista tal pleito, muitas vezes, atendidos. Cf. SILVA, 2006.



É inegável o êxito de público que os dois escritores conquistaram em suas carreiras literárias. No caso de Jorge Amado, a recepção de público alargada, a despeito dos constantes ataques dos críticos, deve-se sem dúvida à disseminação de suas narrativas através de canais e estratégias diversos, o que resultou em uma complexa rede de recepção. Desde o início de sua trajetória literária, como escritor profissional, voltou o seu interesse para o problema do livro no Brasil, demonstrado n' *A ronda*, e cuidou da publicação e reedições de suas obras, mantendo-as em constante circulação, como tratou, de modo peculiar, do circuito da recepção, haja vista as pistas deixadas nas cartas de fãs e leitores.

Como fato social, a produção literária de Amado teve presença maciça na televisão nos anos 1970 e 1980, através das adaptações de seus romances, o que não foi ignorado pelos críticos. Tendo em vista o sucesso de público e sua exposição excessiva na mídia, torna-se instigante avaliar a repercussão dessas adaptações no jornalismo impresso daquelas décadas, quando se constata a consolidação da sociedade de consumo e de um mercado de bens culturais.

Nesse mercado, a mídia impressa tem papel relevante, o que pode ser confirmado com a proliferação de cadernos culturais, suplementos literários ou os chamados segundo caderno. Trata-se de produções de jornalistas ou colaboradores externos, exercendo a atividade de críticos, os quais, como mediadores culturais, têm papel crucial na divulgação, avaliação, comentários e opiniões sobre as produções artísticas e literárias, através de notícias, comentários, resenhas, colunas assinadas ou artigos. Importa saber que apreciações e julgamentos foram feitos por esses intermediários acerca das referidas adaptações para a televisão, meio potente da cultura massiva. O caminho? Refazer a ronda, na rota dos arquivos da imprensa da época. Esse é o recomeço.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. revista. São Paulo: Cortez, 2009.

AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Rául Antelo. Salvador: Casa de Palavras. Fundação Casa de Jorge Amado, 2001.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. 3. ed. São Paulo: Record, 1993.

*CADERNOS de Literatura Brasileira – Jorge Amado*. Instituto Moreira Sales, n. 3, mar. 1997.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine de La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAMOS, Ana Rosa N. *L'idée du peuple chez Jorge Amado: engagement politique e creation romanesque*. 1992. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Université Paris III, Sorbonne-Nouvelle, 1992.

RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria; a literatura brasileira pós-64. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Boaventura de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias; SILVA, Paulo S. (orgs.). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador: EDUNEB, 2008.

SILVA, Márcia R. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: EDUFBA, 2006.

SOARES, Ângelo Barroso C. *Academia dos rebeldes; modernismo à moda baiana*. 2005. 231fls. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

TAVARES, José Nilo. Getúlio Vargas e o Estado Novo. In: SILVA, José Luiz Werneck (org). *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. 2v.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

Recebido: 20 de agosto de 2011

Aprovado: 13 de setembro de 2011

Contato: marciasrios@terra.com.br